

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº679

23 de Agosto a 5 de Setembro de 2024

Ano 28

R\$2

(11) 9.4101-1917

opiniaosocialista

www.opiniaosocialista.com.br

@opsocialista

Portal do PSTU

@opiniaosocialista



POR QUE

VOTAR 16

NESTAS ELEIÇÕES

PARA TER EMPREGO, SAÚDE E EDUCAÇÃO
É PRECISO ENFRENTAR OS BILIONÁRIOS CAPITALISTAS
E DERROTAR O ARCABOUÇO FISCAL

PÁGINAS 6 A 10

GREVE

Trabalhadores dos Correios enfrentam reajuste zero do governo Lula

Página 11

MEIO AMBIENTE

Fumaça de incêndios toma parte do país

Página 5

PRESENTE

A atualidade de Trotsky nos 84 anos de seu assassinato

Páginas 16

“ A alta está na mesa, e a gente quer ver como isso vai se desdobrar ”



SEMANA TROTSKY DE 20 A 27 DE AGOSTO
TODOS OS SEUS LIVROS COM 60% DE DESCONTO!



 (11) 98649-5443

Médicos paralisam em protesto contra estupro e assassinato de médica residente

violência sexual e trabalho sexual forçado. Desde 2012, com o caso de estupro coletivo e assassinato em Nova Déli, o país convive com manifestações contra a violência às mulheres.

Morte de imigrante de Gana expõe descaso



A Defensoria Pública da União esteve no local em que o imigrante estava detido e constatou “reiteradas situações de violação de direitos humanos”. “Foram encontradas crianças e adolescentes dormindo no chão e uma


É de se perguntar: fosse um imigrante europeu ou norteamericano, teria acontecido a mesma coisa? Mais do que des-caso e xenofobia, a morte do imigrante de Gana expõe o racismo das autoridades brasileiras.



Expediente

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

WhatsApp

 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista -
São Paulo (SP). CEP 01313-000



Lira e sua corja enfiam bilhões no bolso com as emendas parlamentares

Enquanto fechávamos esta edição, acabava de ocorrer uma reunião entre o Supremo Tribunal Federal (STF), representantes do governo Lula e os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), sobre as emendas parlamentares, principalmente as emendas impositivas (que o governo é obrigado a pagar) e as chamadas “emendas PIX”.

A reunião foi uma forma de colocar panos quentes na briga, que estava esquentando, em torno dessas emendas. Pouco antes, o ministro do STF, Flávio Dino, havia determinado a suspensão do pagamento de parte dessas emendas. Pacheco e, principalmente, Lira bateram o pé e acirram a crise com o governo.

Com o acordo, ficou praticamente tudo como está. O Centrão vai continuar tendo bilhões para gastar onde quiser, irrigar suas reeleições e encher os bolsos com uma grana mais difícil de rastrear, ou, até mesmo, identificar seu autor.

HIENAS FAMINTAS POR DINHEIRO PÚBLICO

Quem não se lembra do escândalo envolvendo Arthur Lira e os tais “kits de robótica”, nas escolas de Alagoas? Lira destinava milhões para a compra desses kits, uma empresa pagava pouco mais de R\$ 2 mil a unidade, e vendia por R\$ 14 mil para prefeituras de municípios do interior do estado. A diferença ia para os cofres da empresa e para a carteira de Lira.

E vale lembrar que isto foi quando veio à tona o “orçamento secreto”, dispositivo criado durante o governo Bolsonaro, que servia para, na prática, comprar o apoio do Centrão, para garantir a governabilidade do presidente de ultradireita.

As tais emendas parlamen-



Presidente da Câmara dos Deputados e líder do centrão, Arthur Lira

tares são um verdadeiro saque no Orçamento do Estado, para bancar a mamata de uma corja de bandidos. Para atender aos trabalhadores há sempre a desculpa de que faltam verbas.

Enquanto isso, aprovam ataques como as reformas da Previdência e Trabalhista e o Arcabouço Fiscal, que tiram dinheiro da Saúde e da Educação, e engatilham um novo ataque às aposentadorias, avançando como hienas famintas no Orçamento para poderem usar o Estado para privilegiar os bilionários capitalistas e a si próprios.

CHANTAGEM

Desde a crise política desatada durante o governo Dilma, o Congresso Nacional, com o Centrão à frente, vem se aproveitando para chantagear o presidente de turno e encher, cada vez mais, os seus próprios bolsos. Quando Dilma balançava na Presidência, aprovaram as emendas impositivas. Com Bolsonaro, criaram o orçamento secreto. O STF havia proibido esse absurdo, no final de 2022, mas foi só mudar de nome e seguir o jogo, inclusive com a nova “emenda PIX”.

A crise desencadeada com o governo e o STF não se deu pela existência dessas emen-

das. Para o governo, é até funcional, porque se torna um instrumento de negociação para a aprovação de ataques como o Arcabouço Fiscal.

O problema é que a fome dessa corja foi tão grande que acabou se tornando demais, até para o governo. Para se ter uma ideia, entre emendas de bancada, de comissões e individuais, são R\$ 50 bilhões. Já o total previsto para investimento do governo, em todo o ano de 2024, são R\$ 69 bilhões. E isso sem os cortes para cumprir a meta imposta pelo Arcabouço.

“GASTOS PÚBLICOS” SÓ COM OS BILIONÁRIOS

E essa disputa por nacos do Orçamento, num cenário de pressão do mercado financeiro e da burguesia por cortes de gastos, foi o que intensificou essa briga. Mas, nem mesmo o STF é realmente contra esses bilhões que pingam no PIX de deputados e senadores, como mostrou a reunião que fechou o acordo para a manutenção das emendas. O que se tenta é brecar, minimamente, o apetite voraz de Lira e Cia.

Estas emendas ainda beneficiam a extrema direita bolsonarista, que se utiliza desses recursos para promover seu projeto neoliberal radical e de defesa de uma ditadura. Lira

e o Centrão estão no governo Lula, com ministérios, enquanto alimentam o bolsonarismo. É um pé em cada canoa.

A distribuição desses valores bilionários é a prova de que o problema da crise fiscal no país não tem a ver com o trabalhador pobre, o salário mínimo, os aposentados ou as verbas para a Saúde e a Educação.

Está demonstrado que quem usa o Estado para se sustentar são os bilionários capitalistas e seus representantes políticos. Ao contrário do que diz a extrema direita bolsonarista, ela é parte do sistema. Sem contar que o sistema é isso aí: capitalista e com bastante gasto público, só que para os bilionários.

GOVERNO LULA E O “ESQUEÇAM O QUE FALEI”

Durante a campanha eleitoral, Lula denunciou e disse que acabaria com o orçamento secreto. Uma vez no governo, porém, não só manteve, com outro nome, como também o próprio PT se juntou a outros 10 partidos para entrar na Justiça para garantir a continuidade desse absurdo.

“Eu não sou contra o deputado ter uma emenda. O deputado foi eleito, ele tem que levar uma obra pra sua cidade,

tem que fazer alguma coisa, eu não sou contra. Mas a verdade é que é muito dinheiro em que não tem critério, no orçamento planejado, que a gente faz para o país”, é o que Lula diz agora.

A política de conciliação do governo Lula com os bilionários, a burguesia e, inclusive, Lira e a ultradireita, mantém o governo refém dessas negociatas. E, mesmo que conseguisse afastar um pouco a boca de Lira e do Centrão do orçamento, isso não mudaria muita coisa no geral.

Porque, se o Centrão não enfia esse dinheiro no bolso, ele vai para o cumprimento da meta de superávit fiscal, do Arcabouço, e acaba no bolso dos banqueiros. Os bilionários sempre ganham, porque a política econômica defendida pelo governo, o Centrão, o Congresso Nacional, sob as benções do STF, é para beneficiar banqueiros e bilionários.

Nessa última semana, por exemplo, o Governo Federal tentou emplacar, por debaixo dos panos, um jabuti no Congresso Nacional, que retiraria R\$ 26 bilhões do Sistema Único de Saúde (SUS). Foi obrigado a voltar atrás, quando a manobra veio à tona, mas a desvinculação dos pisos constitucionais, não só da Saúde, como também da Educação, é uma obsessão de Haddad.

OPOSIÇÃO DE ESQUERDA E SOCIALISTA

Enquanto continuar essa política de conciliação, de governar com e para os bilionários, o país continuará refém dos banqueiros, das multinacionais e dos bandidos do Centrão. É preciso fortalecer uma oposição de esquerda, revolucionária e socialista, para enfrentar o Arcabouço e essa política econômica e, também, derrotar a ultradireita, o bolsonarismo e os bandidos assaltantes do Centrão.

COVARDIA

Governo anuncia corte no BPC e Haddad diz que está colocando o “dedo na ferida”

Benefício é pago a idosos carentes e pessoas com deficiência



DA REDAÇÃO

Falando a uma plateia do mercado financeiro, num evento promovido pelo banco BTG Pactual, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, defendeu o corte no BPC (Benefício de Prestação Continuada), pago a idosos carentes e pessoas com deficiência. Mas não chamou de “corte” e, sim, de correção de “distorções”.

“Estamos fazendo ajuste no BPC agora de corrigir distorções. Isso não pode ser chamado de corte”, disse Haddad sobre os cortes. Segundo Haddad, o governo está colocando “o dedo na ferida para corrigir essas distorções”.

Haddad quer colocar o dedo na ferida dos aposentados pobres e da população mais vulnerável para continuar pagan-



Presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira recebe o Ministro, Fernando Haddad

do os juros da dívida aos banqueiros. O ataque ao BCP faz parte dos esforços do governo para cumprir a meta de Superá-

vit Primário preconizado pelo arcabouço fiscal. Só do benefício pago aos idosos pobres, serão R\$ 6,5 bilhões a menos.

O governo quer realizar esse corte apertando as regras do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) para a manutenção do direito, obrigando a uma revisão cadastral, novas análises e averiguações, incluindo registro biométrico. Agora, imagine um idoso pobre, ou uma pessoa com deficiência, sendo obrigado a passar por todo esse trâmite burocrático.

Esse pente-fino do Ministério do Desenvolvimento, Assistência Social, Família e Combate à Fome deve atingir 1,2 milhão de beneficiários. O governo espera eliminar 11 a cada 100 benefícios já concedidos.

VERDADEIRA DISTORÇÃO

Haddad chama de “distorção” o pagamento de um salário mínimo a que tem direito aposentados pobres e pessoas com deficiência. Mas para ele não é distorção os R\$ 816,2 bi-

lhões pagos só de juros da dívida pública a banqueiros em 2023. Ou os R\$ 523 bilhões de isenções fiscais dado a grandes empresas, multinacionais e ao agro só este ano. Muito menos os R\$ 50 bilhões em emendas parlamentares que o governo Lula acabou de acordar com Lira e o centrão, sob as bênçãos do Supremo Tribunal Federal (STF).

ENTENDA

Benefício de Prestação Continuada

O BPC é um benefício de um salário mínimo pago a idosos acima de 65 anos com renda familiar inferior a 1/4 do mínimo por pessoa, ou à pessoa com deficiência de qualquer idade.

NA SURDINA

Ministério da Fazenda tenta tirar R\$ 26 bilhões do SUS



No início de agosto, o Governo Federal tentou enfiar um “jabuti” no projeto de renegociação das dívidas dos estados no Senado a fim de tirar R\$ 26 bilhões das verbas do SUS, além de reduzir os recursos ao funcionalismo público. Jabuti é um termo para designar medidas “escondidas” em projetos que não tem nada a ver com o tema.

Um pedido direto da Fazenda ao senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) requisitava alteração para a base de cálculo da Receita Corrente Líquida (RCL), estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Caso aprovado, não entrariam nessa conta de receita dividendos ou lucros de estatais como a Petrobras, exploração de recursos naturais ou repasses de programas de recuperação fiscal de estados e municípios.

Qual o problema dessa alteração? A Constituição estabelece que 15% da RCL vá para a Saúde. São verbas destinadas à construção de hospitais, postos de saúde ou repasses a estados e municípios. Ao se rebaixar essas receitas, reduz-se o orçamento da saúde. Calcula-se em R\$ 26 bilhões de perdas só para o SUS.

Além disso, seria reduzido o montante destinado ao financiamento dos serviços públicos, já que o limite para gastos com servidores é de 50% para a União, e de 60% para estados e municípios. Ou seja, é um aprofundamento da precarização dos serviços pú-

blicos provocado pela LRF imposto durante o governo FHC.

Pisos constitucionais continuam ameaçados

Com a revelação da tentativa de manobra do governo para atacar o SUS, a Fazenda foi obrigada a retirar a mudança do projeto de Alcolumbre.

Os pisos constitucionais, não só da Saúde, como da Educação, porém, continuam ameaçados por conta do arcabouço fiscal e o limite de gastos que ele estabelece. Além disso, uma nova reforma da Previdência começa a ser aventada nos corredores do Planalto e do Congresso Nacional.

“ PISOS CONSTITUCIONAIS DA SAÚDE E EDUCAÇÃO CONTINUAM AMEAÇADOS PELO ARCABOUÇO FISCAL ”

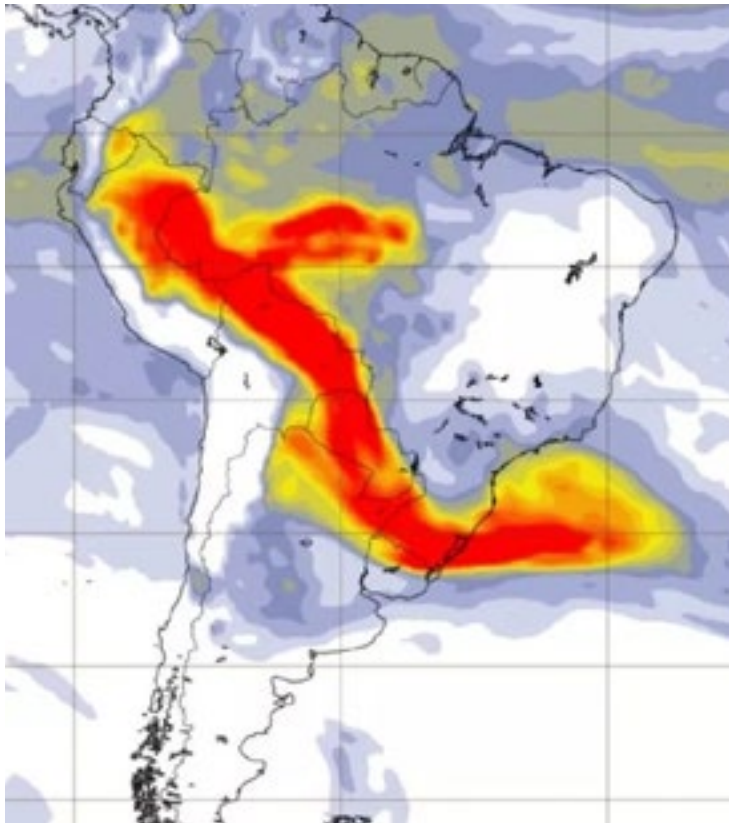
FOGO NA AMAZÔNIA

Fumaça de incêndios toma parte do país

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

No dia 18 de agosto, uma imagem de satélite mostrou uma imensa coluna de fumaça saindo da região amazônica e seguindo em direção ao Sul do Brasil. Ela era levada pelos mesmos ventos que formam os chamados “rios voadores” (massas de ar carregadas de vapor de água, transportadas pelo vento). Mas, ao invés de umidade, eles arrastavam a fuligem e o dióxido de carbono produzidos pelos grandes incêndios que assolam a Amazônia.

Na imagem de satélite (veja ao lado), é praticamente impossível ver o Rio Grande do Sul, totalmente coberto pelo manto de fumaça. Na capital Porto Alegre, uma densa camada cinza reduziu a visibilidade nos últimos dias ensolarados.



Em maio, o estado sofreu a maior tragédia climática de sua história, com grandes inunda-

ções, que devastaram tudo o que estava pela frente. Uma catástrofe que se combinou com

as políticas neoliberais aplicadas pelos governos que cortaram investimentos na prevenção de desastres naturais e flexibilizaram a legislação ambiental do estado.

Agora, a população sofre com a fumaça de incêndios que ocorrem há mais de 4 mil quilômetros de distância. Mas, as duas catástrofes estão conectadas por um mesmo fenômeno: as mudanças climáticas, provocadas pelas emissões de gases de efeito estufa da indústria e agricultura capitalista, que tornam os eventos climáticos extremos, tal como secas e chuvas torrenciais, mais frequentes e mais intensos.

AMAZÔNIA EM CHAMAS

A Amazônia passa por sua maior seca. Muitos rios quase desapareceram, inviabilizando totalmente a navegação e isolando comunidades inteiras.

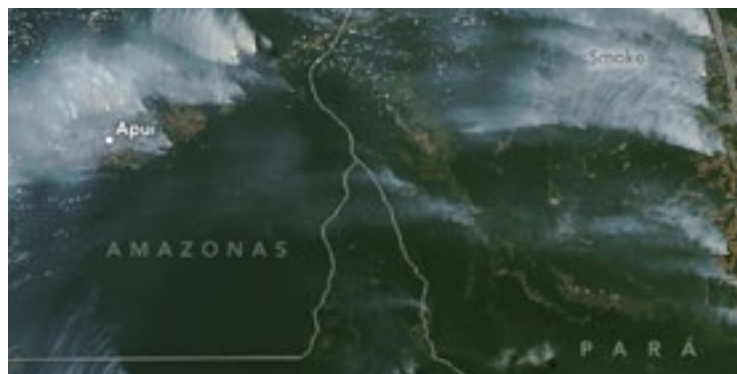
No mês de julho, o número de queimadas na Amazônia foi o maior registrado em 20 anos.

Entre os dias 1º e 31, foram localizados 11.145 focos de queimadas no bioma, o maior número para o mês desde 2005, de acordo com dados do Sistema Deter, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O registro é 93% maior que os 5.772 focos registrados em julho do ano passado e 111% maior que a média para o mês nos últimos 10 anos (5.272).

Na verdade, o entre janeiro a julho, segundo o Inpe, houve 4.696 focos de incêndio, número 11% superior aos 4.218 até julho de 2020, na gestão Jair Bolsonaro. Não por acaso, Manaus (AM) passou uma semana sob fumaça, chegando ao topo do ranking de pior qualidade do ar do mundo.

ARCO DA DESTRUIÇÃO

Onde tem fumaça, tem grilagem de terras e o agronegócio



O corredor de fumaça que vem do Norte e traz fumaça das queimadas da Amazônia tem como origem focos de incêndio que estão, principalmente, nas margens das rodovias BR-230 (a Transamazônica), particularmente no município de Apuí (AM) e na BR-163, entre Itaituba (PA) e Novo Progresso (PA), e na região de Porto Velho (RO).

São duas regiões de expansão do agronegócio, da grilagem de terras públicas e do cultivo de soja. Compõem o chamado “arco do desmatamento” na região. Em Apuí, por exemplo, o programa “Fantástico”, da Rede Globo, em 19/08/2024, revelou um esquema de roubos de terras públicas

chefiado por um latifundiário que se tornou “dono” de mais de 500 mil hectares de áreas da Amazônia. O esquema de grilagem contava com a participação de funcionários de cartórios e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

ABRINDO A “ESTRADA DO FIM DO MUNDO”

A região onde se encontra Apuí é conhecida por “Amacro”, por abranger alguns municípios dos estados do Amazonas, Acre e Rondônia, e tem se destacado como uma das principais fronteiras e focos de expansão do agronegócio. As intensas queimadas são um sinal de que a região vem

sendo preparada para receber o boi e a soja, por meio do desmatamento e da invasão de terras públicas – incluindo unidades de conservação e Terras Indígenas.

Essa situação pode piorar ainda mais com a pavimentação da BR-119 (que liga Porto Velho a Manaus), que, sem exagero algum, pode ser chamada como a “estrada do fim do mundo”. A pavimentação é uma antiga reivindicação dos latifundiários do agro e vem ganhando apoio até mesmo por setores do governo Lula. Algumas obras foram realizadas nos últimos meses, animaram os latifundiários e, literalmente, colocaram mais fogo na floresta.

Já a BR-163 é o principal vetor da expansão da soja do Mato Grosso para o Sudoeste do Pará. É de lá que partiu o famigerado “Dia do fogo”, em 10 e 11 de agosto de 2020, quando fazendeiros se organizaram para realizar incêndios simultâneos na floresta. Tudo animado pelo discurso de Bolsonaro. A soja sobe em direção a Santarém e pressiona Terras Indígenas e Unidades de Conservação.

POR TRÁS DO AGRO

Governos são cúmplices da devastação

As queimadas e o desmatamento de biomas, como a Amazônia, o Pantanal e o Cerrado, têm relação direta com o avanço do agronegócio. Desde o começo dos anos 2000, o setor tem sido incentivado por todos os governos de plantão, de FHC, passando pelos governos de Lula, Dilma e Temer, até Bolsonaro, que passou a boiada na legislação ambiental do país e fez com que o desmatamento explodisse.

O agronegócio cresce por meio de bilionários créditos oferecidos pelo Estado, como o Plano Safra, cujo valor em 2023 foi de mais de R\$ 360 bilhões. O setor também recebe, constantemente, o perdão das suas dívidas. Esse

tipo de agricultura se expande destruindo a natureza, também pela frouxidão da política fundiária federal, que deixa terras públicas à mercê dos grileiros e provoca a valorização e especulação das terras.

O resultado é que esse modelo de agricultura capitalista deixa para trás uma enorme destruição ambiental, pouquíssima geração de empregos e renda; ameaça o suprimento de alimentos e deixa, ainda, uma economia reprimarizada, baseada no uso intensivo de recursos naturais e profundamente dependente do financiamento público. O agro não “sustenta o país”, como dizem seus defensores. O agro parasita a sociedade.

FOI DADA A LARGADA!

Campanha do PSTU ganha as ruas de todo o Brasil



DA REDAÇÃO

O “16” ganhou as ruas do Brasil, no último dia 16. A militância do PSTU colocou o time em campo e apresentou as candidaturas socialistas e revolucionárias em mais de 40 cidades brasileiras. O PSTU se destaca por ser o partido com o maior número de candidaturas ma-

joritárias nas capitais brasileiras: 15. E está dentre os partidos com o maior número de candidaturas negras.

Com a cara e a coragem da classe trabalhadora brasileira, as candidaturas do PSTU terão como foco mostrar como, para ter uma cidade a serviço dos trabalhadores, é preciso derrotar os bilionários capitalistas e não governar em aliança com eles.

CURITIBA (PR)

Conversa e panfletagem com os trabalhadoras dos Correios



SÃO LUÍS (MA)

Panfletagem no Terminal de Integração da Praia Grande



FORTALEZA (CE)

Conversa e distribuição de panfletos dentro dos canteiros de obras da construção civil



BELÉM (PA)

Campanha teve início em canteiros de obras da construção civil, no Mercado de São Brás



SALVADOR (BA)

O dia foi de entrevista, em rádio local e para a Band TV nacional



PORTO ALEGRE (RS)

Bandeira e panfletagem na Praça XV de Novembro



RIO DE JANEIRO (RJ)

Panfletagens e diálogos nas bases da Petrobrás



SÃO PAULO

Atividades em fábricas, estações de metrô, praças e bairros populares marcam início da campanha



DA REDAÇÃO

A campanha do PSTU está presente em todas as regiões da maior cidade do país. No dia 16, a largada foi dada, ainda na madrugada, na porta fábrica metalúrgica MWM, na Zona Sul. Altino Prazeres, candidato a prefeito, conversou e distribuiu panfletos às operárias e operários, que recentemente realizaram uma poderosa greve contra os ataques dos patrões ao Plano de Saúde.

Ainda na mesma região, Silvana Garcia, candidata a vice-prefeita, participou de panfletagem na estação do metrô



Foto: Márcia Mendes

Mendes-Vila Natal. Também pela manhã, grupos de militantes realizaram atividades nas estações do metrô Guilhermina e Brás, na Zona Leste. Na Zona Norte, a Professora

Flávia (candidata a vereadora) distribuiu panfletos nas escolas do bairro da Brasilândia.

A juventude, com a candidatura coletiva "Romper o Poder: socialistas contra o po-

der capitalista", realizou atividades na Universidade de São Paulo (USP), na Zona Oeste. No final tarde, o candidato a vereador Professor Lucas participou de panfletagem na estação do metrô em Capão Redondo, na Zona Sul.

À noite, na região central da cidade, aconteceu o lançamento do comitê da candidatura coletiva da juventude, formada por Mandi Coelho e Gabriel Amenor.

vice, Silvana Garcia. O Jardim da União é uma ocupação urbana, que conquistou sua regularização fundiária após 10 anos de luta.

Altino, Silvana, a Professora Flávia e a militância do PSTU conversaram com os moradores, entregaram os materiais de campanha, colocaram cartazes e 67 placas nas casas dos apoiadores de Altino (prefeito) e Flávia (vereadora).

COMITÊ DA ABOLIÇÃO

Na próxima sexta-feira (23), será realizada a inauguração do Comitê Abolição, com apresentações culturais, a partir das 19h (Rua da Abolição, 177, no Bixiga).

JARDIM DA UNIÃO

No último domingo (18), foi realizada uma caminhada em algumas ruas da Ocupação Jardim da União, na Zona Sul, onde mora a candidata a

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Campanha se espalha pela cidade, com forte presença nas bases operárias

Na principal cidade operária do Vale do Paraíba, a campanha começou no dia 16, com caminhada e conversa com a população, na Praça Afonso Pena, no Centro. Foi realizada, também, uma panfletagem na fábrica TI Automotiva. À noite, aconteceu uma grande plenária, com a militância e apoiadores, no Sindicato dos Químicos.

A campanha se espalha

pela cidade, com visita e reuniões nos bairros, conversas nas casas de apoiadores, e também com forte presença nas bases operárias, onde o PSTU desenvolve um trabalho histórico à frente do Sindicato dos Metalúrgicos.

Toninho Ferreira, candidato a prefeito, hoje advogado, já foi presidente do Sindicato. A vice, Janaina, também já foi

dirigente da entidade sindical. O atual presidente do Sindicato, Weller Gonçalves, hoje licenciado para as eleições, encabeça a chapa coletiva à Câmara Municipal, formada por operários.

Também concorrem à Câmara Municipal, Raquel de Paula, trabalhadora dos Correios, e o Professor Gradella, que é ex-vereador e ex-deputado federal.



SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP)

Panfletagem na Mercedes-Benz e Scania dá início à campanha

Em meio a neblina que caía às 5h, os candidatos e a militância do PSTU de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, estavam na porta da Mercedes-Benz e Scania, distribuindo panfletos e conversando com as operárias e operários.

Depois da fábrica, foi realizada agitação e panfletagem no centro da cidade, no terminal de ônibus e, em seguida, na Escola Técnica Estadual e Senai Lauro Gomes. O primeiro dia de campanha encerrou com atividade no bairro operário de Ferrazópolis,

onde Claudio Donizete, candidato a prefeito pelo PSTU, vive há 47 anos, junto com apoiadores, em clima de festa, muita alegria e disposição para mudar São Bernardo de verdade, em favor dos interesses dos trabalhadores e da juventude.



ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Por que votar 16 nestas eleições

Contra os bilionários capitalistas, é revolucionário e socialista dessa vez!

PARA GARANTIR SALÁRIO, EMPREGO, TRANSPORTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO

Derrotar os bilionários capitalistas

**JÚLIO ANSELMO,
DA REDAÇÃO**

É fundamental um programa, desde as cidades, de enfrentamento com os bilionários capitalistas, embora saibamos que os problemas das cidades só serão resolvidos como parte de uma mudança mais estrutural do país.

É preciso enfrentar as máfias dos transportes, tirando-os das mãos das empresas privadas e devolvendo-os ao povo, reestatizando-os, sob controle dos trabalhadores, e, assim, garantindo tarifa zero e melhor qualidade.

Também temos que acabar com a privatização da Saúde e da Educação, destinando massivas verbas às áreas sociais. Construir um plano de obras públicas, a partir de uma empresa estatal, para construção de moradia popular, obras de infraestrutura e, antes disso, confiscar

os imóveis vazios e sem função social que estão nas mãos da especulação imobiliária.

É preciso, ainda, ter uma política para acabar com o Arcabouço Fiscal, que rege o país e acaba se desdobrando nos estados e nas cidades. Esta é a principal forma pela qual os bilionários capitalistas sequestram o orçamento e inviabilizam os serviços públicos, junto com as isenções fiscais e as privatizações.

TIRAR O PODER E DINHEIRO DOS BILIONÁRIOS CAPITALISTAS

Tudo isso está diretamente conectado à necessidade de enfrentar e derrotar o poder dos bilionários que controlam a economia, os governos das três esferas e seus legislativos. Eles não vão aceitar atender aos interesses dos trabalhadores e trabalhadoras de bom grado. Sabemos disso. Por isso,



é preciso se contrapor à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e às políticas econômicas federal e estaduais.

E, embora seja uma medida importante, não adianta apenas sobretaxar os bilionários e os monopólios capitalistas, que exploram os trabalhadores, pagando baixos salários; loteiam nossas cidades; extraem os recursos naturais e se

enchem de dinheiro, enquanto o povo sofre.

Eles têm mecanismos para comprar a Câmara de Vereadores e burlar qualquer medida. Logo, é preciso lutar para tirar o poder e dinheiro dessa gente.

E o único meio de fazer isso é expropriando as maiores empresas que controlam as cidades, a começar pelos

transportes, mas podendo se estender para construção civil, e impedir que a Saúde e a Educação sigam sendo privatizadas através das Organizações Sociais (OS's) e das Parcerias Público-Privadas (PPP's). Nas escolas ainda vemos o avanço da militarização, com a polícia reproduzindo dentro do ambiente escolar o que já faz nas ruas das periferias.

LULA X BOLSONARO

Duas formas diferentes de gerir o mesmo capitalismo

Apesar da eleição ser municipal, a polarização entre Lula e Bolsonaro segue forte. A extrema direita bolsonarista mente ao dizer que o problema do governo de Lula e do PT é que eles seriam socialistas, fazendo um governo contra os capitalistas.

Dizem isso para esconder que o sistema capitalista, que tanto defendem, é o responsável pela desigualdade social e a miséria. Ao mesmo tempo em que sustentam um projeto abertamente capitalista, ultraneoliberal, de privatização, engugamento dos gastos públicos

e ataques abertos e violentos contra os trabalhadores e setores oprimidos, com um projeto de ditadura e autoritarismo.

O PT e Lula não têm nada de socialistas. O problema de seu governo é justamente o oposto. Lula faz um discurso dizendo que é possível governar para os trabalhadores, colocando o "rico no imposto" e o "pobre no orçamento"; mas, na prática, faz o inverso. Faz tudo que os capitalistas querem.

Mantêm os impostos nas costas dos trabalhadores e da classe média; enquanto os bi-

lionários capitalistas ganham isenções fiscais, todo tipo de benefícios e benesses do governo. Fazem tudo que o mercado quer, seguindo as estritas regras da LRF, contando com o apoio dos governos dos países imperialistas e suas multinacionais.

São duas formas diferentes de gerir o mesmo sistema capitalista podre, que massacra os trabalhadores, os jovens, os negros, os povos indígenas, as mulheres e as LGBTI+. Que destrói o meio ambiente, promove guerras, pandemias e ameaça a vida no planeta.



RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E SÃO LUÍS

Três maneiras como o PT ajuda a direita

Em várias cidades, setores que compõem o governo Lula apoiam os mesmos candidatos do bolsonarismo, como no caso de Ricardo Nunes (MDB), em São Paulo. Lastimável que o Governo Federal dê guarida e ministérios a esse tipo de gente, como o presidente da Câmara Arthur Lira (Progressista/AL). Mas, também, o que dizer da direção do partido que, em São Paulo, foi buscar sua vice dentro do próprio governo Nunes, com apoio entusiasta de Boulos (PSOL)?

Ainda em São Paulo, ao mesmo tempo, há um bolsonarista radical, sem apoio oficial de Bolsonaro, como Pablo Marçal (PRTB), que cumpre o papel de cachorro louco do bolsonarismo para fazer o que Nunes não pode ou não é capaz de fazer. Nunes é a mistura da velha direita com o bolsonarismo, representando a junção do que há de pior no capitalismo brasileiro. Marçal, que diz ser contra o sis-

tema, é a cara mais podre do sistema capitalista, com pitadas de charlatanismo.

SÃO PAULO E MINAS GERAIS: MAIS DO MESMO NA DEFESA DO CAPITALISMO

Já a postura de Boulos, de se mostrar cada vez mais amigo da Faria Lima (a avenida de São Paulo, símbolo do poder capitalista), e dos grandes empresários, como um perfeito gestor do capitalismo com consciência social, mostra bem o projeto do PT e do PSOL de governar com os capitalistas nos estreitos limites da ordem imposta pelo sistema.

Assim, estão abrindo mão de pautas históricas, defendendo a iniciativa privada e trazendo um comandante das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota) para sua política de Segurança. A campanha de Boulos não pode se cacifar bem nos debates, menos pelo papel esdrúxulo e nojento de Marçal e, mais ainda, pelo pro-

grama fraco com mais do mesmo em defesa do capitalismo.

Em Belo Horizonte (MG), a disputa se dá entre dois tons de bolsonarismo. Mauro Tramonete (Republicanos), apoiado por Zema (Novo), e Bruno Engler (PL), apoiado por Bolsonaro. Mas a candidatura do PT, de Rogerio Correa, repete o mesmo erro de ter um programa de administração do capitalismo, que não enfrenta de verdade a direita, nem resolve a vida do povo e ainda coloca em sua campanha setores explícitos dos bilionários capitalistas.

Diante de tudo isso, o PT diz que merece o apoio dos trabalhadores, porque é importante derrotar o bolsonarismo. Sem dúvida nenhuma precisamos enterrar de uma vez por todas o bolsonarismo e toda a direita. O problema é que, em nome de lutar contra a extrema direita bolsonarista, o PT vem governando junto com a direita.

Para derrotar o neoliberalismo privatista de Bolsonaro, o PT opta, mais uma vez, por implementar o neoliberalismo, eles mesmos, só que com mais participação do Estado capitalista, em ajuda aos negócios privados capitalistas.

O PT COLIGADO COM O BOLSONARISMO EM 85 CIDADES

Como expressão dessa política de alianças, o PT está coligado com o PL de Bolsonaro em 85 cidades. Dentre elas, uma capital: São Luís (MA). Em várias outras cidades importantes, o PT apoia uma candidatura da direita tradicional com a presença de bolsonaristas como, por exemplo, no Rio de Janeiro, onde a frente eleitoral encabeçada pelo playboy neoliberal Eduardo Paes (PSD) engloba do PT até setores do bolsonarismo, como Otoni de Paula (MDB). Esses setores seriam os “fascistas antifascistas”?

O que faz a direção do PT não é o caminho para derrotar a extrema direita. Pelo contrário, vemos como o partido serve à direita nesta eleição de três maneiras diferentes. Aliando-se ao PL bolsonarista em São Luís; apoiando um candidato de direita tradicional, em uma frente com setores bolsonaristas, como no Rio de Janeiro; e, mesmo no caso de candidatura com cara própria, seguem aliados a setores dos bilionários capitalistas e defendendo um programa capitalista, como em São Paulo.

Por isso, seria muito importante que muitos trabalhadores e jovens que querem enfrentar a direita e os capitalistas e estão decepcionados, mas ainda seguem nesse partido, viessem conosco dar uma batalha pela defesa da independência de classe dos trabalhadores e pelo socialismo.

OPOSIÇÃO DE ESQUERDA E SOCIALISTA AO GOVERNO LULA E CONTRA A EXTREMA DIREITA

Apoie as candidaturas revolucionárias e socialistas do PSTU

Para lutar contra a ultradireita de modo a vencê-la, de verdade, é preciso ter uma candidatura que, ao mesmo tempo, seja de oposição de esquerda e socialista ao governo Lula e que enfrente a oposição de direita bolsonarista. Que tenha um programa para resolver realmente os problemas imediatos dos trabalhadores, que esteja conectada e a serviço de tirar o poder e dinheiro dos bilionários capitalistas, enfrentando o Arcabouço Fiscal e o sistema capitalista.

Temos que disputar os trabalhadores para não darem nenhum voto nos candidatos bolsonaristas e de direita. Mas é preciso dizer que votar nas candidaturas apoiadas pelo governo Lula e sua Frente Ampla, neste 1º turno, não é uma alternativa para os tra-

balhadores. E, também, não detém o avanço da extrema direita, pois o próprio governo petista não enfrenta as causas estruturais capitalistas que permitem o crescimento do bolsonarismo.

VOTE PELA INDEPENDÊNCIA E ORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

Isso atrela a classe trabalhadora à burguesia, a desorganiza e desmobiliza, sendo os trabalhadores os únicos que, com consciência de classe, unidos e mobilizados, poderão efetivamente mudar o país e acabar de vez com a extrema direita.

Esperar que a extrema direita suma do mapa com a eleição do PT e afirmar que só depois disso seria possível criticar o PT é uma utopia que aprisionará

os trabalhadores em uma situação em que ficarão massacrados entre os dois diferentes blocos burgueses, enquanto veem seus direitos e nível de vida diminuírem, assim como levará à desmoralização, à adaptação e à desorganização de grande parte do ativismo e dos movimentos dos trabalhadores.

Apoiar as candidaturas do PSTU é fortalecer um programa revolucionário e socialista, que é o único capaz de enfrentar a extrema direita de verdade, superando também os limites capitalistas nos quais o PT aprisiona a esquerda brasileira. Fortalecer o PSTU é ajudar a independência política dos trabalhadores, para que não embarquem na canoa furada de apoiar algum bloco político com os bilionários capitalistas.



MARIANA (MG)

A candidatura revolucionária e socialista do PSTU enfrenta duas candidaturas da burguesia

Bruno Teixeira, operário e dirigente sindical na mineração, e a professora Patrícia Ramos, dirigente do SindUTE, encabeçam a chapa do PSTU



DA REDAÇÃO

Mariana ficou conhecida mundialmente com o crime ambiental cometido pela Vale e Samarco em 5 de novembro 2015, quando a Barragem do Fundão, usada para guardar os rejeitos de minério de ferro, rompeu. A lama chegou ao distrito Bento Rodrigues até o Rio Doce. Dezenove pessoas morreram, comunidades inteiras foram destruídas e algumas até hoje sofrem com os impactos da tragédia.

O PSTU tem um trabalho histórico na cidade junto aos trabalhadores da mineração, na educação e com a juventude. Nestas eleições, será a única voz da classe trabalhadora. A chapa formada por Bruno Teixeira, operário e dirigente sindical da mineração, e a professora Patrícia Ramos, dirigente do SindUTE, vai enfrentar outras duas candidaturas da burguesia local, que servem aos interesses das mineradoras capitalistas.

ALTERNATIVA SOCIALISTA

O PSDB governa Mariana há anos, mas entrou em crise profunda. Se quer conseguiram apresentar um sucessor ao atual prefeito Celso Costa. A burguesia local buscou construir uma chapa unitária, incluindo o PT e o PL, em apoio a Juliano Duarte (PSB). Mas o PL apresentou candidatura própria no último dia permitido pela justiça eleitoral para as convenções.

Assim, três candidaturas foram registradas: duas da burguesia (Juliano Duarte/PSB e Roberto Rodrigues/PL) e a candidatura socialista e revolucionária do PSTU com Bruno e Patrícia.

“Somos a candidatura comprometida com as pautas históricas da classe trabalhadora, da juventude e do povo pobre. Vamos enfrentar dois representantes da burguesia, que ao longo dos anos vem destruindo nossa cidade e entregando nossas riquezas às grandes mineradoras capitalistas”, disse Bruno Teixeira em entrevista ao Opinião Socialista.



“Mariana sofre as consequências da exploração predatória dos minérios, da destruição ambiental das mineradoras em busca do lucro. A população sofre com preços absurdos nos aluguéis, empurrando a classe trabalhadora a ocupar ou comprar lotes em áreas sem estrutura básica como saneamento ou energia elétrica”, completou.

Patrícia Ramos destacou outros problemas que a população enfrenta na área da educação, da saúde, da cultura e com necessidades básicas como o for-

necimento de água: “Falta água nas casas. A cidade é abastecida por caminhões pipas, principalmente em regiões mais altas. A imprensa local aponta que essa operação tem um custo de mais de R\$ 10 milhões só com o aluguel desses veículos”.

“A mineração consome em seu processo produtivo mais água dos lençóis freáticos e nascentes que toda a população de Mariana, sem pagar um único centavo por isso. Produzem minérios com nossos recursos, garantem os lucros dos bilionários

acionistas, enquanto a população sofre com a falta d’água em casa. Isso precisa mudar. Só a candidatura do PSTU pode enfrentar as mineradoras, pois não temos rabo preso com elas. Nessa luta contra as duas candidaturas da burguesia, chamamos a classe trabalhadora, a juventude, o povo pobre de Mariana a cerrar fileira com a gente. Temos uma alternativa socialista e revolucionária. Contra as mineradoras capitalistas, vamos votar no 16 dessa vez”, concluiu Patrícia Ramos.

ELEIÇÕES

Candidatos do PSTU participaram do debate da Band TV em Teresina, Curitiba e Uberlândia

O que deveria ser uma regra básica, virou exceção na falsa democracia dos ricos

Geraldo Carvalho, Samuel de Matos e Gilberto Cunha, candidatos a prefeito de Teresina (PI), Curitiba (PR) e Uberlândia (MG), respectivamente, participaram do debate na televisão realizado pelo canal Bandeirantes. Isso que deveria ser a regra, virou uma exceção na falsa democracia dos ricos. Nas outras cidades, as candidaturas do PSTU não foram convidadas a parti-

cipar. A lei eleitoral não proíbe que os candidatos dos partidos sem a representação mínima de cinco deputados federais participem dos debates, ela obriga que aqueles que tem a representação tenham a presença garantida. O convite à participação de todos os candidatos fica a cargo das emissoras de TV. Tanto é assim, que o PSTU foi convidado pela Band em três cidades.

“A participação do PSTU nos debates é de extrema importância para apresentar às trabalhadoras e trabalhadores uma alternativa socialista e revolucionária nas eleições. É o momento em que podemos fazer a diferenciação política e programática com as candidaturas da burguesia, que irão fazer propostas que não serão cumpridas”, disse Geraldo Carvalho, candidato a prefeito

de Teresina, que também participou de debates na TV Meio e na TV Cidade Verde (SBT).

“Excluir o PSTU dos debates é parte do silenciamento que a imprensa burguesa tenta impor ao programa socialista e revolucionário que o partido apresenta nas eleições. Essa prática dos veículos de comunicação se soma às leis eleitorais que são antidemocráticas e nos negam o direito

a participar da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV”, completa Geraldo.

O PSTU tem realizado uma campanha de exigência aos veículos de comunicação para garantir o direito democrático à participação nos debates. Soma-se com a gente nessa luta pelo direito de que a população possa conhecer a proposta de todos os candidatos e não apenas de alguns.

ENTREVISTA

“Nos Correios, a postura do governo foi igual às outras categorias: reajuste zero”

ROBERTO AGUIAR
DA REDAÇÃO

Os trabalhadores e trabalhadoras dos Correios estão em greve desde o dia 7 de agosto. A paralisação exige reajuste salarial imediato, enquanto o plano do governo Lula é deixar os ecetistas sem correção dos salários este ano. Outras demandas são a redução no custeio do Plano de Saúde, além de melhorias nas condições de trabalho e outros benefícios. Confira a entrevista com Geraldo Rodrigues, o Geraldinho, militante do PSTU e diretor da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios (Fentect/CSP-Conlutas).

O que levou à deflagração da greve? Houve adesão de todos os sindicatos da categoria?

Há vários motivos para que a categoria entrasse em greve. Primeiro, a questão econômica, as perdas da categoria, há um bom tempo. Principalmente em 2020, quando foram tiradas mais de 50 cláusulas do nosso acordo e houve uma redução nas remunerações salariais dos trabalhadores, de quase 40%.

O segundo motivo tem a ver com as condições de trabalho. Tem uma sobrecarga muito grande e falta de efetivo. Hoje, a categoria é uma categoria adoecida e envelhecida, com falta de concurso público. Tudo isso fez com que os trabalhadores dos Correios tivessem motivos de sobra para entrarem em greve.

O grande problema foi a adesão de todos os sindicatos, que não teve. Ou seja, inicialmente, a gente trabalhou com uma perspectiva de adesão unificada da categoria e dos 36 sindicatos e das duas federações. Mas, infelizmente, isso não aconteceu. E não aconteceu porque a ampla maioria dos sindicatos é da CUT. São petistas. E, para defender o governo e não ter um enfrentamento ele, estas entidades se unificaram em torno de uma política de não



Geraldo Rodrigues, militante do PSTU e diretor da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios (Fentect/CSP-Conlutas)

fazer greve. Mas, mesmo assim, teve alguns sindicatos da Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Correios, Telégrafos e Similares (Fentact, filiada à CUT) que saíram em greve. Foram uns seis sindicatos, que passaram por cima das suas direções e aderiram à greve.

Quais são as principais reivindicações da categoria? Como está a situação dos trabalhadores dos Correios?

Uma das principais reivindicações da categoria era redução das mensalidades do Plano de Saúde. Nós tínhamos um Plano de Saúde e até 2017 a gente não pagava as mensalidades. Pagávamos apenas uma participação, um compartilhamento, quando usava o Plano de Saúde. O Plano era administrado pela empresa, pelos Correios. Mas, de 2017 para cá, foi imposto uma mensalidade. E essa mensalidade é calculada em cima do salário da categoria. Ou seja, toda vez que o cara faz uma hora extra a mais, essa mensalidade aumenta. Toda vez que o trabalhador sai de férias, ou tem uma função e recebe algo a mais por essa função, a mensalidade aumenta.

E essa mensalidade faz com que, hoje, mais de 50% dos trabalhadores não consi-

gam pagar o Plano. Estão fora dele. Por isso, uma das principais bandeiras é a redução da mensalidade do Plano de Saúde. Além do Plano de Saúde, tem a reivindicação do 70% de férias. Antigamente, quando você saía de férias, você tinha 70% de férias a mais. E isso também foi retirado e há uma expectativa muito grande de que essa campanha salarial possa resgatar esse direito.

Qual foi a postura adotada pelo governo na mesa de negociação?

A postura do governo foi igual ao que aconteceu com os outros trabalhadores federais, professores e todos tiveram que enfrentar o governo nas suas campanhas salariais e negociações.

O governo afirma que os Correios não têm dinheiro, que está no vermelho. E isso é uma narrativa que vem sendo construída, ano após ano. Quer dizer, na prática repetiu o que aconteceu no ano passado. Obviamente, o governo não falava claramente que defendia uma política de reajuste zero para os trabalhadores. Nos Correios, a postura foi igual às outras categorias que fizeram campanhas salariais: reajuste zero. Dizendo que não poderia dar reajuste algum para esse ano, jogan-

do para 2025. Mas, a gente vê, por aí, que não falta dinheiro e isenções fiscais para os empresários. Só o agronegócio vai receber mais de R\$ 400 bilhões, em 2025. Já para os trabalhadores e trabalhadoras, a conversa é outra.

Qual é a perspectiva do movimento grevista neste momento?

Hoje, quem está em greve são cinco sindicatos da Federação Interestadual dos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras dos Correios (Finect), que é ligada à Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB). Essa Federação dirige os dois maiores sindicatos da categoria, que são os de São Paulo e do Rio de Janeiro. O peso desses dois estados é muito grande, já que lidam com mais de 60% do fluxo postal.

A Finect manteve a greve e, aqui em São Paulo, isso foi decidido na última segunda-feira (19). Na quinta-feira (22) haverá uma nova assembleia. Na quarta-feira (21), haverá uma audiência no Tribunal Superior do Trabalho (TST), para pedir a conciliação. Mas, não sabemos se a empresa vai aceitar. E, obviamente, a empresa, hoje, está tranquila, porque ela tem na mão um acordo para aprovar

com os sindicatos filiados à Fentect/CUT. Então, o problema da greve é que essa Federação jogou contra a mobilização. Além de não incentivar a greve em seus sindicatos, também orientou pela assinatura do acordo.

O governo Bolsonaro queria privatizar os Correios. O atual governo Lula defende a manutenção da empresa como estatal. Como você compara a situação entre esses dois governos?

Obviamente, há uma diferença entre o governo Bolsonaro, que tinha uma política clara, desde sua campanha, que era destruir os Correios, privatizar a empresa. Ele só não fez isso graças às lutas da categoria. Graças à mobilização e também à crise política que o governo Bolsonaro teve durante a pandemia. Esse cenário ajudou a gente para barrar a privatização.

O governo Lula já assumiu dizendo que retiraria os Correios e outras estatais da lista da privatização. É claro que, com isso, os trabalhadores dos Correios se sentiram mais aliviados. Também acreditaram que as coisas seriam diferentes, porque o governo é mais aberto às negociações etc. Mas, tem um porém. Ao mesmo tempo em que o governo tira os Correios da privatização, ele também não investe na empresa, para acabar com a terceirização, que só faz aumentar.

Hoje, temos 81 mil trabalhadores, quando, no passado, já fomos mais de 120 mil. Quer dizer, houve uma enorme redução de efetivo e todas essas vagas foram preenchidas por terceirizados. Então, qual era a nossa bandeira nessa campanha? O fim da terceirização e a realização de concurso público, já. Mas, não esse concurso público que o governo defende, para criar apenas 3 mil vagas. Hoje, o concurso público teria que ser para mais de 20 mil vagas. Foi isso que perdemos nos últimos quatro anos.

PALESTINA

Genocídio em Gaza, o início do fim do projeto sionista



Escola bombardeada em Gaza pelas forças de Israel

SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)

O surgimento, na História, de socialistas e de movimentos socialistas não foi uma criação a partir do nada, por parte de idealistas e visionários, mas coincide com o amplo desenvolvimento do capitalismo. A desigualdade, a opressão e a dominação na relação entre os seres humanos não eram novidades. Apesar disso, pela primeira vez, a riqueza e a pobreza desenvolviam-se lado a lado, em máxima intensidade.

Israel tenta afogar o povo palestino em sangue, mas mergulha fundo rumo ao próprio colapso. O genocídio na faixa de Gaza e a limpeza étnica acelerada na Cisjordânia já duram quase 320 dias. As atrocidades cometidas pelas forças de ocupação sionistas são inomináveis. Há alguns meses o historiador israelense Ilan Pappé prenun-

ciava que este era o início do fim do projeto colonial – justamente quando o regime se torna ainda mais brutal. Sua perspectiva histórica se mostra a cada dia mais acertada, lamentavelmente à custa de muito sacrifício por parte do povo palestino.

“O ataque genocida de Israel na Faixa de Gaza matou mais de 40 mil palestinos, mais de 15 mil crianças e pode muito bem ter condenado adicionalmente mais de 146 mil palestinos a morrerem nos próximos meses de complicações de saúde devido a ferimentos, fome e doenças. A guerra arruinou as vidas de 2,3 milhões de pessoas na Faixa de Gaza e de milhares na Cisjordânia ocupada. As estimativas da ONU são de que 70% das casas foram destruídas e que os escombros levarão 15 anos para serem removidos. No entanto, há pouca dúvida de que os sobreviventes palestinos do geno-

cídio, embora traumatizados, empobrecidos e lamentando a perda de seus familiares e amigos, acabarão se reconstruindo e se recuperando, não importa o tempo que leve. A destruição física causada pela guerra em Israel é mínima em comparação, e ainda assim uma coisa foi destruída: o futuro do país.” Por país, leia-se enclave militar do imperialismo dos Estados Unidos; leia-se projeto colonial sionista.

O prognóstico é do eco-

nomista político Shir Hever, em artigo publicado no Mondoweiss no dia 19 de julho último. As estimativas da carnificina em Gaza não param de ser atualizadas, com mais e mais palestinos mortos a cada dia de novo massacre – a escolas, hospitais, tendas, tudo o que se move. Assim como é atualizado a cada dia na nova fase da Nakba – a catástrofe palestina que já dura mais de 76 anos – o número de assassinados por Israel na Cisjordânia,

que superam 600, somente nos últimos 320 dias.

COLAPSO ECONÔMICO

Mas a prospecção feita por Hever, coordenador da campanha de embargo militar a Israel junto ao movimento BDS (boicote, desinvestimento e sanções), não poderia se revelar mais certa. Ele fala em “catástrofe econômica” de Israel – que caminha a passos largos para se tornar o Estado pária que merece.



Número de palestinos mortos pelo Estado de Israel ultrapassa 40 mil

“ESTADO GENOCIDA DE ISRAEL CAMINHA A PASSOS LARGOS PARA SE TORNAR UM ESTADO PÁRIA”



“EMPRESAS INTERNACIONAIS DE TECNOLOGIA JÁ COMEÇARAM A FECHAR SUAS FILIAIS NO ESTADO SIONISTA. 600 MIL ISRAELENSES JÁ DEIXARAM O ESTADO”

“Mais de 46 mil empresas faliram, o turismo parou, a classificação de crédito de Israel foi rebaixada, os títulos israelenses são vendidos a preços quase de junk bonds [de baixa credibilidade e maior risco de inadimplência], e os investimentos estrangeiros, que já haviam caído 60% no primeiro trimestre de 2023 [...] não mostram perspectivas de recuperação”, detalha em seu artigo. Ainda de acordo com o autor, a maior parte do dinheiro investido em fundos israelenses foi desviada para o exterior “porque os israelenses não querem que seus próprios fundos de pensão e fundos de seguro ou suas próprias economias sejam vinculados ao destino do Estado de Israel”. Se, por um lado, isso representou estabilidade no mercado de ações sionista, por outro, complementa, “a Intel afundou um plano de investimento de US\$ 25 bilhões em Israel, a maior vitória do BDS de todos os tempos”. As empresas in-

ternacionais de tecnologia, diz, já começaram a fechar suas filiais no Estado sionista.

LIVRE DO RIO AO MAR

Indicativo desse colapso é dado pelo correspondente do portal Monitor do Oriente, Motasem Al Dalloul. Em artigo, ele fala em 600 mil israelenses que deixaram o Estado sionista e outras centenas de milhares que estariam se preparando para fazer o mesmo. Analistas trazem números distintos quanto a essa saída, mas é fato que crescem a proporção sem precedentes, ao ritmo do aprofundamento da crise interna e do isolamento internacional do Estado genocida – que leva mesmo historiadores e mídia sionistas a questionarem se Israel sobreviverá para comemorar seus 100 anos.

Um projeto colonial como esse se demonstra insustentável. Colocar-se do lado certo da história é mais urgente do que nunca, para abreviar um destino inevitável: a Palestina livre do rio ao mar.

CHEGA DE CUMPLICIDADE

Brasil, rompa relações com Israel



Manifestação em defesa do povo palestino em SP

Nesse sentido é que o movimento de solidariedade ao povo palestino tem fortalecido a pressão sobre o governo Lula. A mobilização por embargo militar garantiu a vitória parcial de suspensão da compra de 36 blindados obuseiros da empresa israelense Elbit Systems ao custo de R\$ 1 bilhão (dinheiro do Programa de Aceleração do Cres-

cimento, o PAC).

Agora a tarefa é impedir que se concretize a manobra resultante de negociação com os israelenses do ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, de que a produção se daria na subsidiária da Elbit em Porto Alegre, a AEL Sistemas.

O BDS Brasil denuncia a manobra: “Com isso, o Brasil financia direta-

te o genocídio palestino, fomenta a extensão da indústria militar genocida israelense em território brasileiro, viola todas as obrigações internacionais e a própria Constituição.” A mobilização continua e conclama: “Nenhum real para o genocídio! Embargo militar já!” Rumo à ruptura de todas as relações com o Estado de Israel.

VENEZUELA

Ditadura de Maduro aprofunda repressão e perseguição para bancar fraude eleitoral

 DA REDAÇÃO,

Passado quase um mês das eleições presidenciais fraudadas pelo regime de Nicolás Maduro, em 28 de julho, o impasse segue no país. De um lado, a repressão da ditadura já foi responsável pela morte de 25 pessoas, além de outras 192 feridas e mais de 2 mil detidas, segundo o próprio governo. Por outro, seguem os protestos espontâneos da população e dos setores mais pobres.

Com a falta de uma alternativa à esquerda ao chavismo, as manifestações são aproveitadas pela oposição de direita,

na qual os trabalhadores não devem depositar confiança alguma ou apoio político.

Essa direita é capitaneada por María Corina Machado, uma representante da burguesia entreguista pró-EUA, que vem tentando manter a pressão sobre Maduro, sem, no entanto, bater de frente com as Forças Armadas, nas quais pretende se apoiar e utilizar, uma vez consiga o poder.

O governo Maduro, após a decretação de sua “vitória” pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), órgão controlado pelo governo, aprofundou a repressão através da Guarda Nacional Bolivariana e da

Polícia Nacional Bolivariana, além dos grupos paramilitares pró-governo, conhecidos como “coletivos”.

A Unidade Socialista dos Trabalhadores (UST), seção da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT), e partido-irmão do PSTU no país, denuncia ainda o que vem sendo chamado de “operação tun tun”, que consiste, “na prática de denúncia e posterior captura de pessoas que manifestam sua oposição ao governo”. Ao menos uma centena de trabalhadores também já foram demitidos do canal de televisão VTV e 32 trabalhadores foram mandados embora da Petróleos de Venezuela S.A (PDVSA).

MADURO INSISTE NA FRAUDE

O regime de Maduro, apoiado nos imperialismos chinês e russo, reforça sua aposta na fraude eleitoral. O próprio Maduro pediu ao Supremo Tribunal de Justiça (TSJ) a validação do resultado e, enquanto fechávamos esta edição, o órgão, controlado pelo governo (como todas as outras instituições jurídicas e políticas do país), iniciava a “recontagem” dos votos.

Não é preciso ser vidente para adivinhar o resultado que sairá disso. Assim como a justiça venezuelana cancelou a impugnação de su-



cessivos candidatos da oposição, inclusive de esquerda, cassando o registro e candidaturas, vai reafirmar a fraude e continuar legitimando a ditadura de Maduro.

MORDE E ASSOPRA

O vai-e-vem dos EUA e do Brasil

Diante da fraude e dos protestos espontâneos que acirram a crise, os Estados Unidos chegaram a ensaiar a exigência de novas eleições, como Biden chegou a defender. A Casa Branca, porém, logo voltou atrás e desmentiu a proposta. Artigo do “Wall Street Journal” divulgou que os EUA estariam propondo uma anistia a Maduro, em troca de uma transição no governo, o que também foi posteriormente negado.

Após elevar o tom contra o governo, os EUA parecem estar dando um passo atrás, investindo numa saída negociada, em



prol de seus representantes diretos no país, María Corina e o seu fantoche, o ex-candidato Edmundo González.

A oposição burguesa venezuelana quer aprofundar a

entrega do país e de seus recursos naturais aos EUA, sem, porém, apostar numa mobilização de massa, que escape de seu controle. E seguem flertando com pedidos de intromissão imperialistas dos EUA na soberania da Venezuela.

Maduro, por outro lado, longe de representar qualquer alternativa anti-imperialista, quer acelerar a entrega do país aos imperialismos chinês e russo.

GOVERNO LULA CONTINUA LEGITIMANDO A DITADURA

Já o governo Lula vem mudando o tom em relação às elei-

ções. Num primeiro momento, Lula disse que a eleição “não teve nada de anormal”. Seu assessor internacional, Celso Amorim, esteve presente no país, cancelando todo o processo que, desde o início, já não era legítimo, devido às perseguições aos opositores.

Com o escancaramento da fraude, Lula foi obrigado a mudar o discurso, dizendo que a Venezuela não era uma ditadura, mas um “regime muito desagradável”, e defendendo a divulgação das atas eleitorais.

Depois de ensaiar a exigência de novas eleições, com a formação de um governo de Uni-

dade Nacional, a última posição do governo brasileiro foi a de esperar a decisão da justiça Venezuelana. “Vamos esperar porque, agora, tem uma Suprema Corte que está com os papéis para decidir”, afirmou Lula.

O governo Lula tenta se equilibrar na corda bamba. Por um lado, não tem condições de reconhecer a eleição fraudada de Maduro e, por outro, não quer bater de frente com o governo venezuelano. É, na prática, uma capitulação à fraude e à ditadura que assassina, prende e persegue opositores, sobretudo setores populares.

SAÍDA

Organização operária, popular e democrática! Unidade de ação para garantir a autodefesa e derrotar a repressão

Diante da repressão da ditadura e da direita pró-imperialista norte-americana, a UST chama a organização independente da classe: “Acreditamos ser pertinente construir a mais ampla unidade de ação de todos os se-

tores democráticos, combativos, populares, estudantis e operários, para, a partir dos bairros, discutir e realizar ações para, principalmente, nos defendermos da repressão, nos protegermos e enfrentarmos os abusos policiais e

parapoliciais, bem como construirmos amplas mobilizações que sejam capazes de derrotar a operação repressiva”.

Este é o caminho para a construção de uma alternativa de esquerda, revolucionária, socialis-

ta e anti-imperialista, apontando o caminho da independência de classe dos trabalhadores, que derrote a ditadura capitalista de Maduro e, também, consiga impor uma derrota para a oposição de direita pró-imperialista de Corina.



1930-2024

Sílvio Santos: um mestre em divertir e em vender ilusões

Da ditadura ao intervalo democrático burguês que nós vivemos, Sílvio Santos animou gerações inteiras aos domingos

DANIEL SOLON,
DE TERESINA (PI)

Fui uma das crianças que adorava Sílvio Santos e os produtos lançados por ele na indústria cultural. Incluindo os “disquinhos” de histórias infantis incrivelmente narradas pelo dono do SBT.

Sempre perto do poder, Sílvio recebeu concessão pública para a criação da TVS (depois SBT), ainda no período ditatorial.

Ludicamente, consumi o quadro “Semana do Presidente”, narrado por Lombardi. Era uma “pílula” semanal que fazia o culto à personalidade do ditador militar, e depois serviu de puxa-saquisismo dos dirigentes civis até a era FHC. O SBT nunca deixou, no entanto, de receber generosíssimas parcelas publicitárias dos diferentes governantes que ocuparam o Palácio do Planalto. Na de-



Sílvio Santos e o ditador Figueiredo

fesa dos governos da ditadura e de gestões da dita época democrática, e na dependência de verbas do Estado, Sílvio se assemelhava a Roberto Marinho. Mas, enquanto o dono da poderosa Rede Globo mantinha-se um tanto quanto discreto, e encarnava a figura de um magnata odiado pela vanguarda da classe trabalhadora e juventude, Sílvio era muito popu-

lar e quase concorreu à presidência em 1989. Teria tirado proveito do populismo e da simpatia. Mas a candidatura tinha irregularidades e foi barrada pela justiça eleitoral.

Durante o governo Bolsonaro, o SBT ensaiou um retorno ao quadro “Hora do Presidente”. Muitas verbas publicitárias estimularam a TV de Sílvio a fazer a defesa do governo da extrema direita. O cargo de ministro das Comunicações dado a um genro, também. Além disso, o empresário demonstrava alinhamento com os preconceitos e opressões da época em que viveu e que ganharam mais peso na era bolsonarista. Ao mesmo tempo, foi o SBT que possibilitou alguma visibilidade LGBT em programas de TV (Clodovil), ainda que em alguns quadros humorísticos as piadas reforçavam velhos preconceitos.

Muitas foram as tiradas machistas, misóginas e até racistas que saíram da boca do Senhor Abravanel nos últimos anos. Por isso, parcela importante da minha gera-

ção deixou de nutrir a simpatia que ele soube cultivar quando éramos crianças.

Sílvio Santos morreu, mas a imagem que ele construiu será ressaltada a serviço do sistema capitalista por muitos anos. O capitalismo sempre precisará da ideologia do empreendedorismo, principalmente em tempos de crise. “Na crise se cresce”, aliás, foi o lema do SBT no auge da crise neoliberal no país que levou milhões ao desemprego em miséria. Estimular a resignação social era preciso para que Sílvio continuasse enriquecendo com as vendas feitas através do “Baú da Felicidade”, dentre outros negócios.

Sílvio sempre serviu ao capital, como qualquer outro dono de conglomerados de mídia. A diferença era que ele aparecia como produto de

comunicação, como astro da própria TV. Com talento de comunicador, era um burguês que conquistou o coração de muitos milhões e que sabia ter retorno altíssimo jogando cédulas para uma plateia de pessoas pobres. Quem em dificuldades financeiras não se identificava com as pessoas que participavam da “briga” na hora que ele bradava “Quem quer dinheiro?”, ou acertando a resposta no “Qual é a música?”

Sílvio se foi. Não foi anjo nem demônio. Na luta de classes, não existe bem contra o mal. Em nossa sociedade, existem a burguesia e a classe trabalhadora, com interesses inconciliáveis. Sílvio construiu a imagem de um burguês com simplicidade, como se fosse um amigo dos setores mais pobres da sociedade. Dessa forma, apresentado como um “bom patrão”, também serviu à ideologia de conciliação de classes.

Casos isolados de pessoas que tiveram grande ascensão social como Sílvio Santos são muito úteis para gerar ilusões em nossa sociedade: “Ele foi um pobre que chegou ao topo. Basta trabalhar e acreditar, que todo mundo chega lá”. E assim continuam abertas “as portas da esperança”, alimentando a fantasia do enriquecimento individual ou alguma ascensão social no capitalismo.



Sílvio Santos e Bolsonaro

“SÍLVIO SANTOS GANHOU A CONCESSÃO DE TV NA DITADURA MILITAR, E SEMPRE SE MANTEVE SERVIL AOS DIFERENTES GOVERNOS”

84 ANOS DO SEU ASSASSINATO

O marxismo de Leon Trotsky



DA REDAÇÃO

Quem foi Leon Trotsky? Por que suas ideias permanecem vivas na luta e na organização da classe operária mundial, 84 anos depois de seu assassinato? Resumir a história de Trotsky em poucas linhas é impossível. Mas, certamente, podemos afirmar que ele pertenceu a uma geração de revolucionários sem precedentes na História.

Uma geração de marxistas que deu respostas teóricas e políticas para várias questões, desde a construção do poder de Estado pela classe operária, passando por sua organização política, até questões sobre como o capitalismo avança combinando, simultaneamente, aspectos avançados e atrasados no processo de desenvolvimento econômico dos países.

Trotsky é costumeiramente lembrado como um dos principais dirigentes da Revolução

Russa e o organizador do Exército Vermelho. Mas não foi só isso. Ele foi o primeiro a identificar o perigo da crescente burocratização do partido e do Estado soviético, que ameaçava as conquistas da Revolução de Outubro, e liderou a Oposição de Esquerda, que enfrentou a contrarrevolução stalinista.

COMBATE AO STALINISMO

O stalinismo transformou a jovem República Soviética numa ditadura horrenda e opressora. Mas, era o inevitável destino da nação ou haveria outros caminhos para a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)? Trotsky afirmava que haveria, sim, outros caminhos.

Depois da Revolução de Outubro, a URSS passou por uma terrível guerra civil e pelo isolamento internacional. A onda revolucionária que varreu a Europa depois do final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) retrocedeu. A revolução foi derrotada em vários países, principalmente na Alemanha.

Depois da Guerra Civil, a URSS era um país devastado. Nessa situação, o governo soviético teve de utilizar muitos dos funcionários e técnicos do antigo regime reacionário. A combinação destes fatores produziu uma nova camada social privilegiada de burocratas (funcionários diretamente ligados às estruturas do governo). Stalin, um dirigente sem expressão, tornou-se a cabeça dessa nova burocracia.

Com a doença e posterior morte de Lênin, o principal líder da Revolução, em janeiro de 1924, uma contrarrevolução burocrática foi iniciada, sob a direção de Stálin. Neste momento, Trotsky organizou a Oposição de Esquerda, que lutou contra a burocratização da URSS.

O QUE DEFENDIAM TROTSKY E A OPOSIÇÃO DE ESQUERDA?

A Oposição de Esquerda reuniu vários dos antigos bolcheviques que se destacaram durante a Revolução. Eles de-



fendiam o fim da opressão burocrática sob a vida política, cultural, social e artística do país. Por isso, a luta pela democracia interna no Partido Bolchevique era uma das principais bandeiras dos oposicionistas.

Uma luta para promover o retorno da plena democracia no partido, na Internacional e nos “soviets” (conselhos de operários, camponeses e soldados), que levasse a um debate aberto das alternativas para a URSS e provocasse a regeneração do partido e da Internacional, permitindo encontrar uma linha correta para a revolução Internacional.

A Oposição de Esquerda defendia claramente que o único futuro possível para a União Soviética era o desenvolvimento

da Revolução Mundial. Por isso, combateu duramente a falsa teoria do “Socialismo em um só país”, que criou a falácia de que a Rússia poderia alcançar o socialismo isoladamente.

Mais tarde, em seu livro “A Revolução Traída” (1936), onde faz uma profunda análise crítica sobre o que era a URSS e a degeneração burocrática stalinista, Trotsky preconizou: ou o proletariado destruiria a burocracia, por meio de uma Revolução Política que não mexeria no caráter da propriedade dos meios de produção; ou o capitalismo seria restaurado no país. Cinquenta anos depois, a restauração do capitalismo confirmou, de maneira dramática, a previsão de Trotsky.

OS CRIMES DE STALIN

O assassinato de Trotsky e da velha direção bolchevique



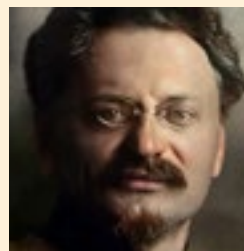
O assassinato de Trotsky, em 20 de agosto de 1940, não foi algo inesperado. Era parte de um esforço de Stalin em eliminar qualquer ligação entre os dirigentes da Revolução de

Outubro com as gerações mais jovens. Por isso, a quase totalidade da direção bolchevique de Outubro de 1917 foi executada por Stalin nos chamados “Processos de Moscou”.

Ramon Mercader, o assassino de Trotsky, era um agente da GPU, serviço de segurança soviético antecessor da KGB. Seu crime foi longamente planejado. Em 1940, usando um disfarce, Mercader conseguiu se aproximar pessoalmente de uma secretária de Trotsky e, a partir daí, se apresentou ao velho revolucionário como um simpatizante de suas ideias. No dia do assassinato, entregou um texto a Trotsky para que ele opinasse. Distraído pela leitura, Trotsky foi assinado pelas costas.

Mercader foi preso, mas quando saiu da cadeia, em 1961, foi para URSS, onde foi condecorado com a medalha de “Herói da União Soviética”.

QUARTA INTERNACIONAL



O maior legado de Trotsky

Trotsky costumava dizer que seu maior feito não teria sido a vitória da Revolução de Outubro nem a formação do Exército Vermelho; mas, sim, o fato de ter dado a batalha pela continuidade da tradição marxista, através da fundação da IV Internacional, em 1938.

Trotsky dizia, ainda, que se ele não estivesse presente em outubro de 1917, Lênin ainda assim teria garantido a vitória da insurreição. Mas, a construção da IV Internacional era uma tarefa que somente ele poderia cumprir, uma vez que Lênin já havia morrido. Sem a construção de uma nova Internacional, a tradição marxista e proletária se perderia para sempre, fruto da degeneração da III Internacional, já controlada e corrompida pelo stalinismo.

As duras condições em que a IV Internacional foi construída tornavam a sua fundação ainda mais necessária. O stalinismo havia triunfado na URSS e o nazismo tinha chegado ao poder na Alemanha. Era preciso formar uma Internacional capaz de continuar, assim que as condições o permitissem, a luta de Marx, Engels, Lênin, Rosa e do próprio Trotsky.

O stalinismo não conseguiu suprimir o legado teórico e político do revolucionário russo. Suas obras constituem uma extraordinária contribuição para a teoria marxista. Um legado para as novas gerações de revolucionários e revolucionárias que mantêm viva a sua luta em defesa do socialismo e da IV Internacional.